

O álbum infantil: alguns critérios de seleção

Maria Encarnação Silva

Escola Superior de Educação de Lisboa

esilva@eselx.ipl.pt

Helena Barroso

Escola Superior de Educação de Lisboa

helenab@eselx.ipl.pt

Resumo

A literatura para a infância e juventude desempenha um papel fundamental na formação de leitores autónomos, isto é, leitores que queiram ler por iniciativa própria e que gostem de o fazer. Lendo e ouvindo ler literatura para a infância desde muito cedo, a criança vai descobrindo a linguagem escrita, vai-se familiarizando com ela e vai sentindo vontade de querer aprender a ler.

Por outro lado, o contacto precoce com a literatura para a infância constitui-se como um fator de desenvolvimento da criança a nível social, cultural, afetivo e linguístico.

Destaca-se ainda a importância deste recurso no âmbito de uma educação para os valores numa sociedade que se quer mais humana e respeitadora dos direitos de todos e de cada um. O álbum ilustrado veicula valores através das suas componentes textual e icónica, possibilitando uma discussão enriquecedora sem ser moralista, uma discussão suficientemente descentrada da criança para que a mesma não se sinta avaliada e suficientemente próxima para que a criança se sinta envolvida.

Nesta comunicação pretende-se:

- caracterizar o álbum de literatura para a infância;
- identificar critérios que devem presidir à escolha de álbuns que contribuam para o desenvolvimento da educação literária, para o

desenvolvimento linguístico e para o alargamento de horizontes no que se refere ao conhecimento do mundo em geral.

- apresentar alguns exemplos de álbuns que possibilitem percursos enriquecedores de acordo com o que atrás se disse.

Palavras-chave: álbum ilustrado, critérios de seleção

Abstract

Literature for children and young people plays a fundamental role in the training of autonomous readers, that is, those who read of their own volition because they enjoy it. By reading and listening to children's literature from a very early age, the child embarks on a voyage of discovery, becoming familiar with the written language and feeling a desire to learn and to read.

At the same time, early contact with children's literature constitutes an important factor in the child's social, cultural, affective and linguistic development.

This resource also has an important part to play in helping children to acquire values in a society that seeks to be more human and respectful of the rights of each and every citizen. The picture story book conveys these values through its textual and graphic components, fostering a discussion which is enriching without being moralistic, a discussion sufficiently removed from the child for it not to feel judged, yet sufficiently close for it to feel involved.

Our aim in this communication is to:

- describe a picture story book;
- identify criteria to be applied in the selection of picture story books, bearing in mind the construction of an instrument of evaluation and analysis that may be used both by students of children's literature and by teachers in the selection of suitable works;
- present some examples of picture story books which fulfill these criteria.

Keywords: picture story book; criteria to be applied in the selection picture story book

1. Introdução

O presente artigo pretende dar um contributo para a orientação dos estudantes e dos profissionais de educação na área da educação básica no que respeita a seleção e utilização de álbuns infantis em contextos de intervenção educativa.

O álbum infantil é um género³⁰ já com longa tradição em alguns países da Europa desde os anos sessenta do século passado. Apesar de, em Portugal, o álbum ter surgido mais tardiamente, atualmente, o mercado editorial português já disponibiliza uma grande variedade de álbuns. Este facto, aliado à circunstância de que o destinatário final, a criança, é, no dizer de Soriano (1975: 185), um destinatário que *“não dispõe, senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta”*, exige que os mediadores recorram a alguns critérios para escolher álbuns adequados aos fins que pretendem.

Neste artigo, dar-se-á, em primeiro lugar, uma definição de álbum infantil e dos subgéneros que o compõem; falar-se-á, em segundo lugar, de critérios de seleção, quer de natureza mais geral e transversal, quer de natureza mais específica, que poderão orientar a escolha dos futuros profissionais nesta matéria; serão apresentados, ao longo do texto, alguns exemplos de álbuns que se consideram ilustrativos dos critérios que se enumeram.

2. O álbum infantil: definição

O álbum infantil define-se, antes de tudo, por elementos de natureza paratextual, a saber, uma capa rija (embora em alguns países europeus, comece a haver, por razões de natureza económica, duas versões do mesmo álbum, uma com capa rija, mais cara, outra com capa mole, mais barata), um formato de grandes dimensões, geralmente maior do que o formato A5, uma qualidade superior do papel, um diminuto número de páginas (entre as 24 e as 32). Relativamente ao conteúdo, o álbum infantil caracteriza-se, ou por uma completa ausência de texto, ou, no caso da presença de texto, por uma reduzida extensão de palavras (200 a 1000, aproximadamente); caracteres de

³⁰ Ver aceção, p.6.

dimensão superior e variável; ilustrações abundantes, frequentemente impressas em policromia, de página inteira ou de dupla página; uma interação entre a linguagem icónica e a linguagem escrita, no caso de o álbum integrar as duas componentes (Rodrigues, 2009 e 2013).

No que respeita os subgéneros do álbum infantil, há, em primeiro lugar, que distinguir os álbuns puros, sem texto algum, dos álbuns profusamente ilustrados, com texto. Tanto num como noutro caso, é possível classificar a informação neles contida de três diferentes modos: **narrativo**, quando o enredo se resolve numa situação final, segundo o modelo de Greimas (1966), **lista**, ou seja, organizados numa sucessão orgânica de tópicos ou de situações, e **documentário**, cuja intenção ou propósito se constitui como especificamente didático (Bastos, 1999).

3. Seleção de álbuns: alguns critérios

Os critérios orientadores subjacentes à seleção de um álbum infantil podem agrupar-se em duas categorias: gerais e específicos. Os critérios gerais são critérios que devem estar sempre presentes na escolha do álbum, considerando-se que o álbum, no seu todo, deve constituir “uma unidade estética de sentido” (Rodrigues, 2009), visando contribuir para a educação literária da criança. A educação literária supõe, entre outras coisas, na perspetiva de Filola (2004), formar a criança para participar ativamente no processo de receção da obra.

Na sequência de algumas leituras, tais como, Colomer (2005), Filola (2004), Teberosky (2011) e Butlen (2008), na figura 1, apresenta-se uma tentativa de sistematização de alguns critérios gerais considerados pertinentes na escolha de álbuns.

Quadro 1: Critérios gerais

Critérios	Indicadores
Valor literário	Discurso figurado, ironia, elipse, efeito de comicidade.
Estruturas linguísticas	Formas discursivas distintas, onomatopeias,

	alternância entre texto em prosa e texto rimado, repetições, aliteraões, rimas, estruturas cumulativas.
Conteúdos temáticos	Conhecimento do mundo, problemas relativos ao universo infantil, o fantástico e o maravilhoso.
Originalidade na abordagem dos temas	O absurdo, o <i>nonsense</i> , o insólito, o inesperado, a subversão do real
Valor estético do álbum	Grafismo, <i>design gráfico</i> , técnicas de ilustração, policromia semântica.
Diversidade	Temas, autores, géneros.
Adequação às diferentes faixas etárias	Quantidade de texto, tamanho e tipo de letra, nível de complexidade na abordagem dos temas, familiaridade dos temas, competência leitora.

Já os critérios específicos de seleção deste género prendem-se, antes de tudo, com os objetivos e percursos de leitura que o formador previamente definiu, atendendo à faixa etária a que se dirige, à maior ou menor familiaridade do público com o texto literário, às questões específicas que este pretende tratar e às competências que quer desenvolver junto dos destinatários.

Apresentamos, de seguida, alguns critérios específicos que nos parecem pertinentes pela riqueza de percursos de leitura que podem proporcionar.

- **Intertextualidade**

Encontramos muitas obras que convocam o leitor para o jogo intertextual (a saber o “jogo das relações dialógicas”, de acordo com Aguiar e Silva (1988)). A relação

intertextual estabelece-se quer através da imagem quer através do texto, incluindo recriações e reinvenções textuais e convivência de géneros, por exemplo. É a literatura a falar dela própria, orientando o leitor para novos percursos de leitura, colocando desafios de compreensão que só são, por vezes, ultrapassados quando, seguindo as pistas presentes no texto ou na imagem, conhecemos os textos citados de forma mais ou menos explícita.

Para bem compreender *O Capuchinho Cinzento* (2005) de Matilde Rosa Araújo (texto) e André Letria (ilustração); *O Chapeuzinho Amarelo* (2005) de Chico Buarque (texto) e Ziraldo (ilustração); *Pela Floresta* (2008) de Anthony Browne (texto e ilustração) ou *Baralhando Histórias* (2011), Gianni Rodari (texto) e Alexandra Sanna (ilustração), entre outros, é necessário conhecer o antepassado inspirador - *O Capuchinho Vermelho*. Encontra-se também este apelo ao estabelecimento de redes textuais nas ilustrações em que surgem, por exemplo, livros canónicos com os títulos nas lombadas.

No que se refere à convivência de géneros textuais, existem atualmente inúmeros álbuns que incluem, no seu interior, cartas, livros de receitas, mapas, jornais, entre outros, constituindo-se como um ponto de partida significativo para a construção de representações mentais sobre diferentes géneros textuais. Utiliza-se aqui, e ao longo de todo o texto, a designação de género textual na perspectiva de Marcuschi (2008), entre outros, para referir os textos concretos que circulam na vida quotidiana e apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais e determinada composição específica. A título meramente exemplificativo desta convivência de diferentes géneros textuais dentro de um outro género, sugerem-se as obras: *Cartas de Rumblewick: A minha bruxa teimosa* (2008) de Hiawyn Oram (texto) e Sarah Warburton (ilustração) e *A Verdadeira História do Capuchinho Vermelho* (2008) de Sandro Natalini (texto) e Agnese Baruzzi (ilustração).

- **Relação texto/imagem**

O critério respeitante à relação imagem/texto remete para o “diálogo” entre a componente imagética e a componente textual dos álbuns e, de acordo com a maior

ou menor complexidade dessa conexão, constitui um desafio às capacidades interpretativas do leitor. Tendo como referência as análises apresentadas nos trabalhos de Rodrigues (2013), Baptista (2008) e Ramos (2007), são aqui sintetizadas as dimensões da interação texto/imagem da seguinte forma: imitação, complementariedade, contradição e fusão. De acordo com Ramos (2007: 231), “*são mais frequentes as imagens que ora funcionam como complemento ora como amplificação, aprofundando e desenvolvendo o próprio texto e apontando outras (diferentes, novas) possibilidades de leitura*” em detrimento da ilustração que se apresenta redundante relativamente ao texto. No primeiro caso, considera-se que existem relações de complementariedade e, no segundo, relações de imitação. A fusão é a relação mais complexa. Usa-se esta designação um pouco na perspectiva de Baptista (2008: 5), considerando que as duas linguagens, verbal e pictórica, funcionam numa relação de completa interdependência, sendo que o sentido da obra resulta precisamente dessa reciprocidade.

- a) Imitação: a imagem ilustra fielmente o texto, justifica-o; ambas as componentes formam um todo semântico, como se pode verificar no exemplo da figura 1.



En casa, lo que más me gusta es que todo el mundo come en la misma mesa.
Hasta los animales.

Figura 1: Corentin, P. (texto e ilustração) (2005). *Fulanito de tal*. Barcelona: Edições Corimbo.

- a) Complementariedade: A imagem aprofunda, completa o texto, alargando, assim, o leque das interpretações. No exemplo das figuras 2 e 3, o texto precisa da imagem para ganhar sentido.

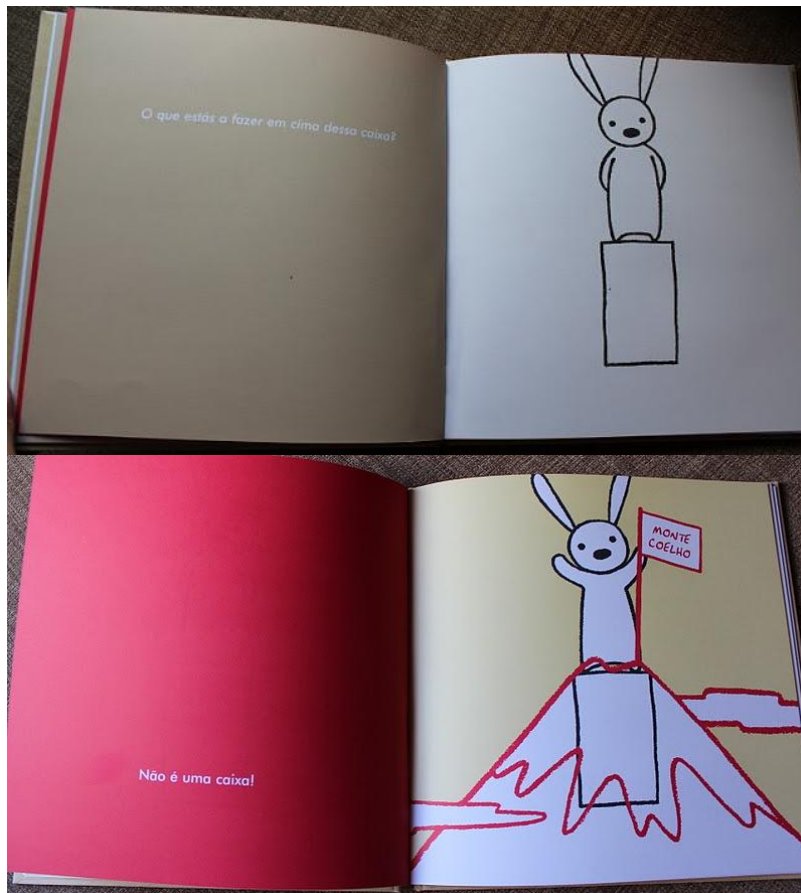


Figura 2 e 3: Portis, A. (texto e ilustração) (2010). *Não é uma caixa*. Lisboa: Editorial Presença. Consultado *online* em 10 de novembro de 2013 (ver bibliografia).

- b) Contradição: a imagem apresenta elementos contraditórios em relação ao conteúdo do texto, incitando o leitor à formulação de hipóteses e à confirmação das mesmas, assim como à pesquisa de pormenores (cf. figuras 4 e 5).

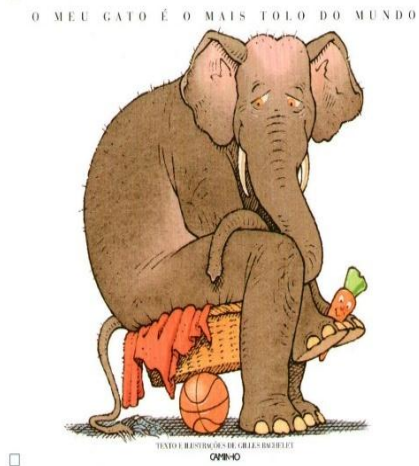


Figura 4: Bachelet, M.(texto e ilustração) (2009). *O meu gato é o mais tolo do mundo*. Lisboa: Caminho.



Figura 5: Blake, Q. (texto e ilustração) (2009). *Catatuas*. Lisboa: Caminho.

- c) Fusão: O texto e a imagem fundem-se numa relação de completa interdependência. Esta vai para além da relação de complementaridade. Um texto não se pode dissociar do outro. A figura 6 mostra um exemplo em que texto e imagem se constituem como um todo.



Figura 6: Gravett, E. (texto e ilustração) (2010). *O Grande Livro dos Medos do pequeno rato*. Lisboa: Livros Horizonte.

Consultado *online* em 15 de novembro de 2013 (ver bibliografia).

- **Referências Culturais**

Embora esta categoria pudesse integrar-se no âmbito da intertextualidade, já atrás considerada, optou-se por lhe dedicar um espaço próprio, tendo em conta as potencialidades pedagógicas que apresenta. Os álbuns infantis contêm muitas vezes referências, seja na imagem, seja no texto, que possibilitam o alargamento dos horizontes culturais dos leitores e que contribuem para a sua educação estética e artística. Essas referências constituem-se como pistas a seguir e remetem para áreas diversas: pintura, música, história, teatro, geografia de lugares próximos ou afastados, entre outros, e são um convite a percorrer itinerários diversos que despertam a curiosidade da criança. Sugerem-se dois álbuns que se consideram verdadeiramente exemplares neste aspeto.

Em *O meu gato é o mais tolo do mundo* (2009) de Michel Bachelet (texto e ilustração), uma excêntrica personagem julga ser dona de um gato, que afinal é um elefante, e decide retratar o seu querido animal de estimação inspirando-se em quadros de pintores célebres, substituindo a personagem original pela figura “do seu querido gato”. Observando essas imagens, é possível descobrir marcas de Cézanne, Manet, Miró, Picasso, Magritte, Mondrian, Chagal, Matisse, entre outros, (cf. Figura 7). Nas ilustrações deste álbum, aparecem também imagens de livros em cujas lombadas é possível ler títulos como expressionismo, surrealismo, nomes como Rabier, famoso criador da *la vache qui rit*, e Brunhof, o criador de Babar, o elefante que encantou gerações (cf. Figuras 8 e 9).



Figuras 7, 8 e 9: Bachelet, M. (texto e ilustração) (2009). *O meu gato é o mais tolo do mundo*. Lisboa: Caminho.

No álbum *Olívia* (2000) de Ian Falconer (texto e ilustração), conhecemos uma porquinha muito simpática e irrequieta que, nas suas visitas a museus, admira um quadro de Degas e outro de Pollock (cf. Figura 10 e 11). Esta porquinha adormece, ouvindo histórias que a mãe lhe lê e sonha vir a ser uma grande cantora lírica à semelhança de Maria Callas (cf. Figura 12), cuja biografia ouviu ler. Em ambos os álbuns, estas referências estão disseminadas na ilustração, oferecendo-se como pistas que podem conduzir a percursos de descoberta de diferentes manifestações artísticas.



Figuras 10, 11 e 12: Falconer, I. (texto e ilustração) (2000). *Olívia*. Lisboa: Notícias Editora.

- **Valores veiculados**

À semelhança do que afirma Azevedo (2006) “(...) a literatura de recepção infantil, mesmo quando concretiza espaços para o questionamento do Outro, para a presença do fragmentário, do carnavalesco e do emancipatório, não parece deixar de criar e de fomentar determinados modelos de configuração ética para os seus leitores menos experientes.” (pp: 23-24), considera-se que outro dos critérios a ter em conta na seleção de um álbum infantil prende-se com os valores que este, de forma mais ou menos explícita, veicula. Com efeito, o *corpus* da literatura infantil constitui-se a partir do acordo relativamente tácito de que a criança é um ser em formação que necessita de ser esclarecida, informada, aconselhada, ensinada, estruturada. Com base nesta assunção, discutível ou não, autores e editoras de literatura infantil tomam a seu cargo essa incumbência, criando, na sua grande maioria, obras edificantes, sem ser

necessária e excessivamente moralizadoras. No caso dos álbuns ilustrados que incluem texto, as figuras mais utilizadas para veicular esses valores são a metáfora, a alegoria, a metonímia, sendo que, não raras vezes, se assiste à desconstrução literal de expressões ou palavras geralmente utilizadas em sentido figurado. As obras que a seguir se apresentam constituem alguns exemplos significativos desta dimensão.

Na obra *A árvore generosa* (2008) de Shel Silverstein (texto e ilustração), convivem uma árvore e um menino. A generosidade da árvore cresce proporcionalmente à diminuição do seu tamanho efetivo, enquanto o egoísmo do rapaz se torna cada vez mais evidente à medida que avança na idade. Estão presentes os valores de dádiva incondicional, a presunção egoísta de que certos bens são, erradamente, considerados como adquiridos, o despojamento em prol de quem se ama.

Em *Arturo* (2012) de Davide Cali (texto) e Ninamasina (ilustração), o título da obra remete para uma incógnita: será Arturo o nome de quem desapareceu e abandonou ou de quem espera paciente e fielmente pelo dono ausente? O álbum retrata, com efeito, a incompreensão perante a perda e o abandono, a esperança que se mantém fiel a si mesma, na procura, na espera, na ânsia do regresso.

Na obra *Orelhas de borboleta* (2008) de Luísa Aguiar (texto) e André Neves (ilustração), quem é diferente sente-se mais diferente perante o olhar crítico e por vezes cruel das crianças. Neste livro, porém, cada traço diferenciador tem a sua utilidade e virtude, o que transforma a idiosincrasia numa questão de carácter. A Mara, menina que é diferente, como todos somos diferentes, aceita-se como é e enfrenta o mundo, segura dessa diferença.

Em *Nadadordizinho* (2010) de Leo Lionni (texto e ilustração), os valores representados são os da cooperação e da solidariedade, já que um cardume de peixes pequenos decide constituir-se sob a forma de um peixe imenso a fim de enfrentar monstros marinhos e grandes medos.

A trilogia de álbuns puros *O ladrão de Galinhas, A pesca, A vingança do galo* (2011) de Béatrice Rodriguez põe em evidência as transformações sociais e familiares que ocorrem nas sociedades contemporâneas. O conceito de família e o conceito de género são aqui desconstruídos sob a forma de uma comunidade insólita, composta

por membros de diferentes espécies que desempenham papéis também eles incomuns.

No álbum *A grande questão* (2008) de Wolf Erlbruch (texto e ilustração), coloca-se a pergunta: vimos ao mundo para quê? Esta é a questão filosófica subjacente a este livro, que a ela responde através das características mais marcantes das personagens que compõem a obra.

4. Conclusão

Em primeiro lugar, há que referir que o presente artigo se destina a mediadores de leitura menos experientes, considerando-se que são dadas algumas sugestões que podem ser úteis a estes profissionais em formação ou em início de carreira.

O mercado editorial atual caracteriza-se por uma grande evolução na qualidade deste género. Cada vez mais, o álbum é concebido como objeto artístico, com grande qualidade literária e grande complexidade, possibilitando diferentes níveis de leitura. Por outro lado, nesta grande profusão, surgem obras de pouca qualidade que se escondem, por vezes, atrás de um *design* gráfico e de uma ilustração muito apelativos e que poderão confundir mediadores menos informados que, no meio de tanta oferta, necessitam de alguma orientação.

E, a fechar, salienta-se que, apesar de alguns critérios apresentados sugerirem percursos de leitura muito orientados, é fundamental ter-se sempre em vista que o grande objetivo da leitura literária é o de promover a educação e a competência literárias.

5. Referências bibliográficas

Aguiar e Silva, V.M. (1988). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.

Azevedo, F. (2006). *Literatura Infantil e Leitores Da teoria às práticas*. Braga: Universidade do Minho.

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Baptista, A. (2008). Texto e Imagem: Um mais Um igual a Outro. *Actas do 7.º Encontro Nacional (5.ª internacional) de Investigação em Leitura, literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho. Consultado em 10 de novembro de 2013, através de www.casadaleitura.org.pdf

Butlen, M. (2008). Quels critères de choix pour les listes de référence d'oeuvres de littérature? *Letras de Hoje*, v. 43, n.º 2, pp 7-8. Consultado em 11 de novembro de 2012 através em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs./index.php/fale>.

Colomer, T. (2005). *Andar entre libros*. México: Fondo de Cultura Económica.

Filola, A. (2004). *La Educación Literaria Bases para la formación de la competencia lecto-literaria*. Málaga: Edições ALJIBE.

Greimas, A. (1966). *Sémantique structurale*. Paris: Larousse.

Marcuschi, A. (2008). *Produção Textual: Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

Ramos, A.M. (2007). *Livros de Palma e Meio Reflexões sobre a Literatura para a Infância*. Lisboa: Caminho.

Rodrigues, C. (2009). O álbum narrativo para a infância: Os segredos de um encontro de linguagens. In *Congreso Internacional Lectura 2009 – Para leer el XXI*. Havana: Comité Cubano del IBBY (CD-ROM – ISBN 978-959-242-138-7) (sem paginação). Consultado em 10 de novembro de 2013, através de www.casadaleitura.org.pdf.

Rodrigues, C. (2013). *Palavras e imagens de mãos dadas – A arquitetura do álbum narrativo em Manuela Bacelar*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Aveiro, Aveiro.

Soriano, M. (1975). *Guide de littérature pour la jeunesse*. Paris: Flammarion.

Teberosky; A. (2011). Programar a leitura e a escrita: os textos, as atividades, a criança e os professores. *Da Investigação às Práticas*, 1, pp 6-23. Consultado em 10 de novembro de 2013, através de www.eselx.ipl.pt/cied/.../Ana_Teberosky.pdf.

Referências bibliográficas das obras infantis mencionadas

Aguilar, L. (texto) & Neves, A. (ilustração) (2008). *Orelhas de Borboleta*. Matosinhos: Kalandraka.

- Araújo, M. (texto) & Letria, A. (ilustração) (2005). *O Capuchinho Cinzento*. Lisboa: Edições Paulinas.
- Bachelet, M. (texto e ilustração) (2009). *O meu gato é o mais tolo do mundo*. Lisboa: Caminho.
- Blake, Q. (2009). *CATATUAS*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Browne, A. (texto e ilustração) (2008). *Pela Floresta*. Matosinhos: Kalandraka.
- Buarque, C. (texto) & Ziraldo (ilustração) (2005). *O Chapeuzinho Amarelo*. Rio de Janeiro: JOSÉ OLYMPIO EDITORA..
- Cali, D. (texto) & Ninamasina (ilustração) (2012). *ARTURO*. Figueira da Foz: Bruá Editora.
- Corentin, P. (texto e ilustração) (2005). *Fulanito de tal*. Barcelona: Edições Corimbo.
- Erlbruch, W. (texto e ilustração) (2008). *A grande questão*. Figueira da Foz: Bruá Editora.
- Falconer, I. (texto e ilustração) (2000). *Olívia*. Lisboa: Editorial de notícias.
- Gravett, E. (texto e ilustração) (2010). *Grande livro dos medos do pequeno rato*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Hodgkinson, L. (texto e ilustração) (2008). *Felini e a caixa das sonecas*. Lisboa: Dinalivro.
- Lionni, L. (texto e ilustração) (2010). *Nadadorzinho*. Matosinhos: Kalandraka.
- Oram, H. (texto) & Warburton S. (ilustração) (2008). *Cartas de Rumblewick*. Lisboa: Editorial Presença.
- Portis, A. (texto e ilustração) (2010). *NÃO É UMA CAIXA*. Lisboa: Editorial Presença.
- Rodari, G. (texto) & Sana, A. (ilustração) (2011). *Baralhando histórias*. Matosinhos: Kalandraka.
- Rodriguez, B. (ilustração) (2011). *A Pesca*. Gafanha da Nazaré: Bags of Books edições.
- Rodriguez, B. (ilustração) (2011). *O ladrão de galinhas*. Gafanha da Nazaré: Bags of Books edições.
- Rodriguez, B. (ilustração) (2011). *A vingança do galo*. Gafanha da Nazaré: Bags of Books edições.
- Sandro, N. (texto) & Baruzzi, A. (ilustração) (2008). *A verdadeira história do Capuchinho Vermelho*. Lisboa: Ambar.

Silverstein, S. (texto e ilustração) (2008). *A Árvore Generosa*. Figueira da Foz: Bruaá Editora.

6) Fonte eletrónica das imagens

Figuras 2 e 3:

https://www.google.pt/search?q=n%C3%A3o+%C3%A9+uma+caixa+portis&espv=210&es_sm=122&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=FRqSUoODHeSR7AbHhoCoCw&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1536&bih=812#facrc=&imgdii=&imgrc=fNvDuIDFXKJiBM%3A%3Bn0Ai4t5Cs2DQgM%3Bhttp%253A%252F%252F4.bp.blogspot.com%252F-nzJirahYgy8%252FToeZFdVraMI%252FAAAAAAAAAAK3g%252FXm6EODvpPbw%252Fs1600%252Fc2.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Finventarparaencontrar.blogspot.com%252F2011%252F10%252Fhappy-friday-caixa.html%3B800%3B467

https://www.google.pt/search?q=não+é+uma+caixa+portis&espv=210&es_sm=122&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=FRqSUoODHeSR7AbHhoCoCw&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1536&bih=812#facrc=&imgdii=&imgrc=i6Exc-p0PIBv9M%3A%3Bn0Ai4t5Cs2DQgM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-OSUZ5c08pc8%252FToeZIK-w7dl%252FAAAAAAAAAAK3k%252F8A56c0ztQ4Y%252Fs640%252Fc3

Figura 6:

<http://chadesintra.blogspot.pt/2011/11/ano-gravett.html>